

GT21: Antropologia(s) Contemporânea(s) e Sofrimento Psíquico

Anaxsuell Fernando, Esmael Alves de Oliveira

Nossa proposta de Grupo de Trabalho parte do pressuposto de que a Antropologia, de longa data, tem contribuído significativamente para a compreensão dos fenômenos associados aos processos de saúde e adoecimento. Apesar da diversidade de perspectivas no interior da disciplina, é possível vislumbrar certo consenso no entendimento de que mudanças ocorridas nas últimas décadas ocasionadas sobretudo por questões de ordem social, política, econômica e tecnológica, e mais recentemente acentuadas pelo complexo cenário político-pandêmico, têm impactado diferentes âmbitos da vida social, de modo geral, e subjetiva, de modo particular. Nesse escopo, desejamos constituir um espaço de diálogo vinculadas/os/es a diferentes áreas disciplinares interessadas/os na compreensão e desnaturalização dos mecanismos de opressão contemporâneos produtores de sofrimento psíquico, cujas causas e efeitos estão longe se esgotarem em um debate biologizante e/ou medicalizante. A premissa aqui adotada é de que a saúde mental é um campo pluridisciplinar e de caráter psicossocial, e, portanto, não circunscrita apenas aos campos psis (psicologia, psiquiatria e/ou psicanálise) e/ou biomédico. Deste modo, serão bem-vindas investigações etnográficas e reflexões teórico-analíticas que estejam interessadas no diálogo entre as Antropologias contemporâneas e o campo psi, comprometidas com uma concepção de saúde mental e sofrimento psíquico como um fenômeno complexo, multifatorial e histórica e culturalmente situados.

Saúde Mental e Militância: Os mortos e os alimentos como linguagens de saúde mental no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST) no estado do Ceará

Autoria: Rafael de Mesquita Oliveira Ferreira Freitas

Pretendo trazer para este GT algumas hipóteses de uma pesquisa em andamento. Neste trabalho trato da saúde mental de militantes engajados no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Partindo de uma pesquisa realizada junto a militantes deste movimento no estado do Ceará, busco investigar quais são os idiomas para falar de saúde mental e de cuidado dentro deste grupo. Considero a pergunta de pesquisa relevante devido a se tratar de pessoas que vivem sob o constante diálogo com símbolos e práticas de "luta" e "sacrifício". O que mantém estas pessoas dentro deste movimento social? O que as afasta? De que formas os militantes dotam de sentido suas ações e quais os mecanismos de cuidado tecidos em suas práticas? A partir de uma pesquisa que se iniciou em setembro de 2020 busco debater algumas hipóteses para responder as perguntas apresentadas. Apresento dois eixos de aproximação ao tema. O primeiro é a constituição das figuras e memórias dos militantes que faleceram "na luta". Intento compreender qual o peso que essas mortes têm sobre os militantes que se mantém engajados, considerando que o potencial para prejudicar ou para fortalecer a integridade física e mental é objeto de intervenções diversas. O segundo eixo de análise é a investigação dos alimentos como forma de falar sobre saúde mental. Muitas das apresentações do movimento dizem respeito a importância da alimentação como uma condição de luta contra a precariedade. Proponho, portanto, verificar a possibilidade de falar dos alimentos como agentes de saúde mental também.

[Trabalho completo](#)

33ª Reunião Brasileira de Antropologia - RBA

A 33ª Reunião Brasileira de Antropologia (RBA) foi realizada de forma on-line, pela Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e em parceria com a Universidade Federal do Paraná (UFPR), entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Às vésperas do bicentenário da Independência política do Brasil, a entidade mais antiga das Ciências Sociais do país – Associação Brasileira de Antropologia (ABA) - realizou o evento que contou com a participação de mais de 2 mil pesquisadores/ pesquisadoras da Antropologia e área afins oriundos da América Latina, América do Norte, Europa e África.

A programação contou com: 76 Grupos de Trabalhos, 32 Simpósios Especiais, 54 Mesas Redondas, 05 Oficinas, 04 Minicursos, 04 Conferências, 06 Reuniões de Trabalho, Lançamentos de Livros, Atividades do Prêmio Pierre Verger (Mostras de filmes, ensaios fotográficos e desenho); Feira de Livros e diversas premiações (Prêmio Pierre Verger, Prêmio Lévi-Strauss, Prêmio Lélia Gonzales, Prêmio Heloisa Alberto Torres, Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, Prêmio de Ensino de Antropologia, Prêmio de Divulgação Científica, além da Medalha Roquette Pinto).

A Reunião permitiu à comunidade antropológica reafirmar seus compromissos com os direitos dos povos indígenas, com as populações das periferias, com as comunidades quilombolas, LGBTQI+ e de favelas. Se tratou de um evento de primeira grandeza para a Antropologia nesses tempos em que os direitos básicos estão ameaçados, possibilitando a reflexão, o questionamento e o pensar sobre os desafios e dilemas da atualidade.

Realização:



Apoio:



Organização:

